

A trajetória do Centro Social de Monte Grave - Milhã/CE (1973 a 2000)

Antônia Natália de Lima¹
Telma Bessa Sales²

Resumo: Este estudo analisa a conjuntura de fundação do Centro Social de Monte Grave (CSMG), Associação constituída na década de 1970 na localidade de Monte Grave (Milhã/CE) que atuou no âmbito da saúde, educação e outros serviços sociais. Importa-nos destacar o envolvimento dos sujeitos na organização da instituição e no estabelecimento das atividades da mesma. A partir da metodologia da história oral percebemos que as formas de conseguir esses projetos não seguiu um modelo específico, como não poderia ser diferente as ações do CSMG foi seguindo uma lógica contextual. As experiências experimentadas nessa espacialidade permitiu a aquisição de novos conhecimentos e um novo jeito de lutar por melhores condições de vida. E na busca por esse ideal, várias trajetórias foram se cruzando e entrecruzando e cada um foi construindo valores, modos de sobrevivência e diversas maneiras de experimentar o cotidiano a partir da convivência comunitária. Para dar suporte a essas concepções discutimos sobre o conceito de memória, oralidade numa perspectiva de uma história social dando visibilidade as experiências de sujeitos comuns.

Palavras-chave: Experiências, história oral, memória, associação, movimento social.

Abstract: This study analyzes the situation of foundation of the Social Center of Monte Grave (CSMG), constituted Association in the 1970s in the town of Monte Grave (Milhã/ CE) who served in the health, education and other social services. It us to highlight the involvement of individuals in the organization of the institution and the establishments of the same activities. From the methodology of oral history we realize that the ways to achieve these projects did not follow a particular model, could not be otherwise as the actions of CSMG were following a contextual logic. Experiments experienced spatiality that allowed the acquisition of new knowledge and a new way to fight for better living conditions. And in pursuit of this ideal, several paths were crossing and crisscrossing and each was building values, survival modes and different ways to experience the daily life from the community life. To support these concepts we discussed the concept of memory, speaking from the perspective of a social history of giving visibility to the common subject experiences.

Keywords: Experiences, oral history, memory, association, social movement.

The trajectory of the Social Center of Monte Grave - Milhã/CE (1973-2000)

¹ Licenciada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Mestre em História e culturas pelo Programa de Mestrado Acadêmico em História – MAHIS/UECE. E-mail: natylimaphn@hotmail.com

² Professora Doutora da Universidade Vale do Acaraú e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará, MAHIS/UECE. Atualmente realiza pós-doutorado pela Universidade de Lisboa, Portugal.

Introdução

A história de uma instituição, nascida mediante um movimento social específico, tem em suas entrelinhas a história de muitos sujeitos. Esses procuram no convívio comunitário uma maneira de enfrentar as dificuldades sociais que atravessam o cotidiano. Destacamos assim, que o Centro Social de Monte Grave³ é fruto da luta travada por diferentes sujeitos que se construíram enquanto sujeitos sociais no movimento de busca por melhores condições de sobrevivência.

Tendo em vista essa concepção que os sujeitos ocupam diferentes lugares nesses movimentos, buscamos dialogar com suas lembranças, sobre o passado, elaboradas a partir do presente, entendendo que esses indivíduos são partícipes dos destinos sociais e são frutos desses mesmos movimentos (KHOURY, 2001). Nos interessa, aqui, compreender as várias facetas que perpassam o cotidiano desses sujeitos, isto é, as relações sociais vividas por eles, o envolvimento, de cada um, com as lutas travadas pelo Centro Social de Monte Grave, bem como com a comunidade e com todos os setores que compõem a dinâmica social. Para esse entendimento dialogamos com às narrativas dos interlocutores da pesquisa de mestrado, intitulada *As vozes que contam: a trajetória do Centro Social de Monte Grave - Milhã/CE (1971 a 2000)*. Mais do que entender a história da instituição que eles ocupam, buscamos compreender os processos constituídos por eles, enfatizando as suas experiências, subjetividades e visões de mundo. Esses sujeitos são pessoas que partilham experiências de trabalho, modos de sobrevivência, dentro de uma diversidade de perspectivas, forjando os processos de mudança social.

Nessa perspectiva, o nosso trabalho é realizado tendo como fonte, principal, entrevistas concedidas pelos sócios do CSMG, que falam sobre suas trajetórias e sobre o papel que o CSMG teve em suas vidas particulares e na vida social da comunidade. Entendemos que os relatos nos permitem a compreensão e análise de relações sociais, de processos culturais e das experiências individuais que estão sempre em simbiose com as relações comunitárias (KOFES, 1992). Para além disso, pensamos que as narrativas são reflexos de relações sociais, bem como expressões subjetivas que leva consigo emoções variadas porque são elementos constitutivos dessas relações, e, por isso mesmo carregadas de sentidos (KHOURY, 2001).

³ A Associação Centro Social de Monte Grave foi fundada em 1971 e regularizada em 1973. Atuou em atividades nas áreas como saúde, educação, sociabilidade e outros.

Dessa forma, mais do que a busca pela verdade, o que nos interessa é o entendimento, é a apreensão de sentido que esses sujeitos atribuem ao CSMG. “Mais do que buscar dados e informações nas fontes, nós a observamos como práticas e/ou expressões de práticas sociais através das quais os sujeitos se constituem historicamente” (KHOURY, 2001, p.81). Até porque essa preocupação factual, como adverte Portelli (2010), deve ser submersa na preocupação com a subjetividade pessoal. O historiador revela, assim, por meio da fala a recuperação do que já passou, mas a partir do olhar de quem viveu. As falas nesse sentido funcionam como estampas contextuais (FREITAS, 2012, p.22).

Se faz importante, portanto, destacar o papel da memória no processo de lembrar, visto que ela pode ser compreendida como o resultado das relações sociais cotidianas, compartilhadas por indivíduos de uma mesma comunidade. Partindo desse ponto de vista, comungamos com a ideia de Michel Pollack (1992), ao salientar que a memória é construída socialmente. Ela é modelada pela família e pelos grupos sociais. Isso significa que, o individual se forja no social e vice-versa, não se separa a memória em dois campos distintos, mas, estes se encontram em simbiose. Aquilo que lembramos é fruto das experiências que vivemos com outras pessoas, e a medida que revelamos essas lembranças deixamos escapar aspectos dos grupos sociais dos quais pertencemos (JUCÁ, 2003).

A conjuntura de fundação do Centro Social de Monte Grave.

No início de 1971 foi fundada a Associação Centro Social de Monte Grave (CSMG). Nessa conjuntura a comunidade de Monte Grave, localizada na região Central do Estado era um pequeno povoado com poucas casas. “(...) A Milhã ainda era distrito de Solonópole, nem como Distrito lá na Milhã não tinha nada, e tu imagina aqui, depois da sede do Distrito, 15 km de mato adentro. Então não tinha nada”⁴. A situação econômica não era vantajosa, o roçado era o que garantia a alimentação das famílias da região. Não havia escolas, postos de saúde ou qualquer benefício que garantisse conforto social. Essas e outras demandas se constituíram nas razões pelas quais foi fundada a Associação CSMG.

⁴ Entrevista com Francisco Faustino Pinheiro, realizada em Milhã/CE em 23 de setembro de 2013, Presidente do CSMG de 1973 a 2013. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

Mas o que levou os sujeitos dessa espacialidade perceber essas péssimas condições de vida? A tomada de consciência sobre essas questões nasceu da influência da Igreja Católica local, mediante as ações do Padre Elmas Moreira de Carvalho. Ainda na década de 1960, na recém-fundada Paróquia Nossa Senhora da Conceição⁵, o Padre Elmas Moreira de Carvalho iniciou um trabalho no Distrito de Milhã, que pertencia ao Município de Solonópole/CE, voltado para a discussão dos problemas sociais a partir da reflexão do Evangelho de Cristo. Comumente essa reunião de pessoas é denominada de “Dia do Senhor”⁶. Essa ideia de Igreja com um viés social era fundamentada pelas proposições da Igreja Católica designadas após o Vaticano II e a Conferência de Medellín⁷. A criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s)⁸ nasceu da percepção de que a Igreja devia dá visibilidade aos problemas sociais que assolava não só as cidades, mas também as zonas rurais. Foi então influenciado por esses ideais que o referido Padre fundou em Monte Grave e em diversas localidades da Paróquia as Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s) e/ou o grupo de Juventude Agrária Católica (JAC).

É importante destacar que essas atividades se estenderam por toda a Diocese de Iguatu, e estava em profundo diálogo com as experiências desenvolvidas por diversas Paróquias do Estado cearense e também do Nordeste. As CEB’s foram se espalhando por todo o país, e tinham na base da reflexão as proposições derivadas da Teologia da Libertação. No entender de Gómez de Souza, (2004) as Comunidades Eclesiais de Base (as CEBs) “eram pequenos grupos de cristãos de setores populares que se reuniam para momentos de oração e de celebração de sua fé, mas também de reflexão sobre seus problemas concretos de trabalho, saúde, educação, direitos humanos etc.” (p. 81). Foi nos setores populares que as Comunidades Eclesiais de Base foram criadas, principalmente na região Nordeste⁹.

Vale dizer, que no Ceará as experiências da Igreja-Povo de Deus se constituíram no âmbito da organização dos trabalhadores em sindicatos rurais e formação de lideranças

⁵ A Paróquia Nossa Senhora da Conceição foi fundada em 1957.

⁶ Segundo BEZERRA (2008, p. 49), “[...] a denominação Dia do Senhor tem referência no (sic) domingo, na tradição católica, o dia do descanso. Em vez de missas, eram realizados cultos dominicais como celebração da palavra de Deus”.

⁷ Cf. Mainwaring (2004).

⁸ “(...) CEB’s são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana), ou capela (rural), que por iniciativa de leigos, padres ou bispos, reúnem pessoas pertencentes geralmente às classes populares, que tem a mesma fé, pertencem a mesma Igreja, moram na mesma região (periferia, áreas invadidas, favelas, pequenos sítios, ou à margem das grandes cidades). Vivem os mesmos problemas de sobrevivência, moradia, lutas por melhores condições de vida, e anseios e esperanças libertadoras.” Cf.: BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 07.

⁹ Dentre os Estados do Nordeste, de acordo com Azzi, “foi no Rio Grande do Norte onde se registrou uma atuação mais expressiva da Igreja na área rural, através da ação pastoral do bispo de Natal”. Com o método “ver, julgar e agir” o Movimento de Natal “extrapolou os limites dos grupos de Ação Católica e se constituiu na estrutura básica de pensamento e de ação do corpo eclesial”. (SILVA; AGUIAR, 2014, p. 29-30).

comunitárias, em diversas cidades do interior e em Fortaleza, como o Movimento de Educação de Base (MEB) e outras experiências de Educação Popular, como o Projeto Carqueija, no município de Capistrano bem como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Como afirmam as autoras Vera Silva e Selma Aguiar (2014, p.31), “no Ceará, em várias cidades, como Sobral, Crateús e Camocim, a ação da Igreja teve também como foco o homem do campo”. Além das cidades elencadas podemos certamente incluir o trabalho desenvolvido pelo Centro Social de Monte Grave nessa mesma dimensão de projetos voltados ao homem sertanejo.

A reflexão dos problemas sociais nas reuniões, em específico, da comunidade de Monte Grave possibilitou o entendimento de que era possível lutar por melhorias. Contudo, esse amadurecimento não surgiu apenas do debate corriqueiro sobre os problemas, ele também foi influenciada pela trajetória de membros da comunidade, como Faustino Pinheiro, Ari do Nascimento, Rocicleide Pinheiro e outros. Ambos foram membros do grupo de jovens e depois participaram ativamente do processo de gestação da Associação através da militância religiosa.

Em sua narrativa Ari do Nascimento relembra o encaminhamento dado pelo vigário Elmas de Carvalho para a constituição do grupo de jovens,

A primeira coisa que foi criada aqui foi à juventude. O grupo de jovem que era até JAC, a Juventude Agrária Católica. Isso começou através de uma missa que houve aqui. Aí o Padre veio celebrar e o carro caiu ali no riacho e aí entrou água no motor. E Faustino reuniu as famílias e arrecadou o dinheiro para mandar pegar ele. O Elmas tinha qualidade de um líder e por aí criou o grupo de jovem, que esse grupo de jovem foi quem começou a comunidade.

A criação da Juventude Agrária Católica na comunidade de Monte Grave e região, propiciou uma maturação dos jovens locais para os problemas sociais que enfrentavam no cotidiano. Alguns deles se destacaram na liderança desses movimentos como é o caso de Francisco Faustino Pinheiro, que na década de 1960, a convite do então Pároco de Milhã foi transferido para Iguatu. Elmas Moreira saiu da Paróquia Nossa Senhora da Conceição a fim de desenvolver na Diocese um trabalho similar ao que vinha desenvolvendo em Milhã. Ao mudar-se o Pe. Elmas de Carvalho levou junto Faustino Pinheiro, que assumiu em 1965 até 1967 a coordenação da JAC na Diocese¹⁰. A JAC ganhou expressões significativas no Ceará,

¹⁰ Informações contidas no Livro: Centro Social de Monte Grave 26 Anos e uma história para contar (junho de 1997).

devido ao trabalho conjunto das igrejas de Fortaleza, Crateús, Sobral e de Iguatu. Daí fundou-se uma diretoria em nível de Estado para coordenar a entidade, da qual Faustino Pinheiro fizera parte, indo residir em Pacatuba/CE, Crateús/CE e depois em Fortaleza.

Enquanto Faustino Pinheiro vivia novas experiências na militância religiosa jovens como Ari do Nascimento, Rocicleide Pinheiro e tantos outros sustentavam as reflexões no Dia do Senhor e fortaleciam os ideais de luta da comunidade. Quando a JAC foi desarticulada em 1969 pelas forças repressivas da Ditadura, Faustino Pinheiro retornou à Iguatu/CE, e assumiu a convite do então Bispo da Diocese, Dom José Mauro¹¹, o cargo de Coordenador da Cárita Diocesana. Esse contato, com instituições estrangeiras ligadas as Cáritas, possibilitou o desenvolvimento de alguns projetos que viabilizaram a fundação da Associação.

A fundação ocorreu em 1971, quando Faustino Pinheiro retornou ao Monte Grave. Ele e os colegas, do grupo de jovens, Ari do Nascimento, Rocicleide Pinheiro e outros, fortaleceram o “Dia do Senhor” e a Comunidade Eclesial de Base. Sobre a metodologia das CEB’s é elucidativa a definição de Frei Betto (1985, p. 10) quando ele diz que “As comunidades eclesiais de base se orientam pelo método ver-julgar-agir. Reunidos num barraco de vila, na casa modesta de um lavrador ou no salão paroquial, os participantes fazem suas orações e cânticos e, em seguida, colocam seus problemas e dificuldades”. O primeiro passo, o ver, é a análise dos problemas que preponderam nas discussões da reunião. O segundo momento, o julgar, é ligado ao Evangelho. Escolhe-se uma leitura do Novo Testamento e após a leitura começam os comentários em torno das problemáticas apontadas anteriormente. O terceiro passo, o agir, ocorre o planejamento, a forma concreta de enfrentar o problema. Foi então em torno desse método que o CSMG deu os seus primeiros passos, não de forma linear, e nem mecânica, pois os problemas mais sérios, certamente, eram pautas de muitas reuniões e de muitos debates. Nas narrativas desses sujeitos fica evidente que a vivência nesses movimentos da Igreja foram basilares para o entendimento de que a união das famílias era o caminho para a superação das dificuldades.

Enquanto o CSMG desenvolvia seus primeiros projetos, o Brasil era assolado pela página mais negra de sua história, a Ditadura Militar. Nessa contexto especificamente,

¹¹ Dom José Mauro Ramalho de Alarcon e Santiago é bispo emérito da diocese de Iguatu, é natural do município de Russas-CE. Dom Mauro foi ordenado padre em 5 de fevereiro de 1948. No dia 13 de outubro de 1961 foi nomeado pelo papa João XXIII, bispo da recém-criada Diocese de Crato e também da Arquidiocese de Fortaleza. No dia 28 de janeiro de 1961, o Papa João XXIII editou a bula *"In apostolicis muneris"* criando a [Diocese de Iguatu](#). Sendo seu primeiro Bispo D. José Mauro Ramalho de Alarcon e Santiago, empossado em 4 de fevereiro de 1962. Dom José Mauro governou a Diocese de Iguatu de 4 de fevereiro de 1962 até 26 de julho de 2000, passando o "cajado" para Dom José Doth de Oliveira, o qual, desde fevereiro de 1992, era seu bispo coadjutor. Cf.: http://osmarlucenafilho.blogspot.com.br/2011_09_01_archive.html. Acesso feito em 04 de setembro de 2014.

começava o que José Murilo de Carvalho (2002, p. 158) chama de terceira fase da Ditadura. Ele salienta que

A terceira fase começa em 1974, com a posse do general Ernesto Geisel, e termina em 1985, com a eleição indireta de Tancredo Neves. Caracteriza-se inicialmente pela tentativa do general Geisel de liberalizar o sistema, contra a forte oposição dos órgãos de repressão. A liberalização continua sob o general Joao Batista de Figueiredo (1979-1985). As leis de repressão vão sendo aos poucos revogadas e a oposição faz sentir sua voz com força crescente. Na economia, a crise do petróleo de 1973 reduz os índices de crescimento, que no início dos anos 80 chegam a ser negativos.

Essa era, portanto, a conjuntura do país, os militares dentre outros ditames combatiam severamente o movimento sindical e à oposição política. Evidentemente o cenário onde foi esboçado o desejo real de alteração das condições físicas, morais, culturais e sociais da localidade de Monte Grave passa por longe (geograficamente) dos grandes acontecimentos do país. Contudo, mesmo longe dos “grandes” acontecimentos que marcaram a história nacional, essa comunidade foi atingida se não por planos políticos, mas por ideias e desejos gestadas na efervescência e na luta pela derrubada do regime militar. Sobre esse período de tensão no país Francisco Faustino Pinheiro diz que:

(...) Na década de 60 foi o começo, e a coisa foi crescendo ao ponto de chegar em Monte Grave no começo da década de 70. Houve uma dificuldade muito forte naquela época, porque o poder militar daquela época não permitia realmente que as pessoas reunissem que as pessoas discutissem seus problemas, que dizer isso era uma face real da época Militar¹².

Creemos, pois, que nenhum lugar está solto no mundo, ele é a expressão de um todo. As ideias principais, ainda que com roupagem nova, que eram a ordem do dia na nação, eram ressignificadas nesses pequenos espaços, como a associação em estudo. O desejo de mudanças, o combate aos problemas locais, à organização em comunidade certamente tem raiz nos movimentos sociais renovados, onde os antigos centros (Igreja, sindicatos e grupos de esquerda) no entender de Éder Sader (1988) se refazem com novos discursos e práticas, e passam a fazer política em outros lugares e de outra maneira. Essas experiências geram assim a aquisição de novos conhecimentos e um novo jeito de lutar por melhores condições de vida. Havia brotado um sonho audacioso de possibilitar a criação de uma sociedade diferente, mais

¹² Entrevista com Francisco Faustino Pinheiro, realizada em Milhã/CE em 23 de setembro de 2013, Presidente do CSMG de 1973 a 2013. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

justa, e mais digna para os pobres e excluídos. Essa concepção tem relação direta com o novo sindicalismo pensado por Sader (1988, p. 36), ele diz que:

Era o “novo sindicalismo”, que se pretendeu independente do Estado e dos partidos; eram os “novos movimentos de bairro”, que se constituíram num processo de auto-organização, reivindicando direitos e não trocando favores como os do passado; era o surgimento de uma “nova sociabilidade” em associações comunitárias onde a solidariedade e auto-ajuda se contrapunham aos valores da sociedade inclusiva; eram os “novos movimentos sociais, que politizavam espaços antes silenciados na esfera privada. De onde ninguém esperava, pareciam emergir novos sujeitos coletivos, que criavam seu próprio espaço e requeriam novas categorias para sua inteligibilidade.

Esse modelo de luta foi adotado na construção da Capela de São Francisco no ano de 1985, esse foi o primeiro trabalho desenvolvido pelo CSMG e pela comunidade. O projeto teve apoio financeiro da Cárita Diocesana, onde Faustino Pinheiro havia trabalhado, e da Diocese de Iguatu¹³. Os encontros da CEB's, o Dia do Senhor, a catequese e as reuniões da Associação passaram a ser na Igreja, até esse momento, ambas aconteciam nas residências dos moradores locais. Com a construção da Igreja passaram a ter um lugar fixo, para os encontros. Depois vieram novos projetos como a construção de um posto de saúde, de uma creche comunitária, de uma casa do idoso, de uma rádio comunitária, de uma fábrica de processamento da castanha e outros. Esse mosaico de atividades foi possibilitando a inserção de diversos sujeitos que viam na Associação uma possibilidade de emprego, ou até mesmo de acesso a serviços básicos que antes não possuíam. E ao se associar cada uma dessas pessoas agregava novos valores e se também reconstruíam os seus, a busca por novos projetos permitia esse compartilhamento de saberes e experiências.

É preciso dizer que as formas de conseguir esses projetos não seguiu um modelo específico, como não poderia ser diferente as ações do CSMG foi seguindo uma lógica contextual. Com a abertura da democracia no final dos anos de 1980, o Estado passou a se comportar de maneira diferente com os movimentos sociais e conseqüentemente estes também adotaram uma nova postura frente ao Estado.

¹³ As Cáritas, a Diocese de Iguatu e instituições como Mano Unidas (Espanha), Misereor (Alemanha), CESE (Bahia/BR) e outras, foram importantes parceiros financeiros do CSMG, pelo menos até a década de 1990. Daí em diante apesar dessas instituições continuarem apoiando o Estado passou a ser o principal financiador dos projetos. Isso não aconteceu simplesmente porque o Governo viu a necessidade de ajudar os movimentos sociais, essa conquista é fruto das lutas empreendidas pela sociedade na década de 1980.

O Estado buscava, por meio de políticas assistencialistas, atender aos grupos minoritários e por vezes excluídos da sociedade e esses grupos passaram a ver o Estado como um parceiro. Sobre essa questão Maria da Glória Gohn (2010), salienta que:

Captura-se o sujeito político e cultural da sociedade civil, antes organizado em movimentos e ações coletivas de protestos, agora parcialmente mobilizados por políticas sociais institucionalizadas. Transformam-se as identidades políticas desses sujeitos [...] em políticas de identidades, pré estruturadas segundo modelos articulados pelas políticas públicas [...]. Criam-se, portanto, novos sujeitos sociopolíticos [...] como partes de uma estrutura social amorfa e apolítica. [...] Disso resulta que se deslocam os eixos de coordenação das ações coletivas – da sociedade civil para a sociedade política, dos bairros e associações populares para os gabinetes e secretarias do poder estatal, principalmente no plano federal. A dimensão política [...] desaparece da ação coletiva justamente por ser capturada por estruturas políticas – de cima para baixo, na busca de coesão e do controle do social (GOHN, 2010, p. 21).

Essa postura aberta das entidades, em que podemos pensar ou incluir o CSMG, pode ser compreendida pela busca por recursos e pela manutenção dos projetos existentes, ou simplesmente pela consciência de que era difícil manter o projeto vigoroso estabelecendo uma relação conflituosa com quem poderia ser um parceiro financeiro. É preciso destacar que a postura do Estado não se constitui como uma benfeitoria, antes é fruto da luta empreendida pela sociedade civil, sobretudo, na década de 1980. Essa tradição de luta surge com força, na década de 1960 com as organizações rurais, seja por sindicato ou liga camponesa, e mais tarde ganha uma dimensão maior com a efetiva participação civil nas mobilizações, como na retomada da democracia. Para Marco Aurélio Santana (2003), os anos de 1980 e a passagem para 1990 se deram num processo de luta pela democracia e rearranjo da sociedade brasileira se inserindo assim em um contexto mais amplo, nos anos oitenta, de lutas pela redemocratização, pela participação popular na constituinte.

Sobre isso é pertinente a ponderação de Elza Braga e Irllys Barreira (1991), quando elas destacam que “embora para o Estado (nos discursos oficiais) a questão da participação limite-se às atividades de gerenciamento e execução dos programas a própria experiência dos movimentos que vai se consolidando, amplia os limites de participação” (BRAGA; BARREIRA, 1991, p.131). Vemos, que apesar de Faustino Pinheiro já ter militado em movimentos como a JAC, tanto ele como seus companheiros de luta não perceberam que mais do que apoiar, o Estado buscava interferir no modo de gerir esses movimentos sociais e no

jeito de se fazer as reivindicações. É possível também que simplesmente, percebendo que era preciso mudar as formas de lutar, eles se inseriram nessa nova fase dos movimentos sociais.

Analisando a realidade do CSMG, notamos que a forma de lutar pode ter sido modificada justamente por conta da “crise” do modelo de movimento social que era propagada na década de 1980 e que já não tinha os mesmos efeitos na década posterior. Com a nova postura do Estado foi preciso refazer os caminhos de luta, contudo, muitas questões continuaram pertinentes, exatamente, porque ainda não haviam sido resolvidas, pelo menos essa era a realidade do CSMG. Tendo em vista essa visão que os fenômenos são fluídos e que os problemas sociais permeiam várias conjunturas, percebemos que a busca pelo acesso aos serviços básicos de saúde e educação continuaram sendo pautas de lutas no CSMG na década de 1990 e as famílias da comunidade foram fundamentais no processo de novas conquistas.

As experiências dos sócios e os campos de atuação do CSMG

Como já salientamos anteriormente, a história da Associação está intrinsecamente ligada a trajetória de diversos indivíduos que se constituíram nas lutas travadas pela instituição. Não é possível separar a vida desses sujeitos das vivências compartilhadas no CSMG. A existência da Associação é reflexo das aspirações e do desejo de mudança da realidade social. E na busca por esse ideal, várias trajetórias foram se cruzando e entrecruzando e cada um foi construindo valores, modos de sobrevivência e diversas maneiras de experimentar o cotidiano a partir da convivência comunitária. As lembranças destacadas por esses sujeitos durante as narrativas são fruto de experiências partilhadas no social, apesar de ser particularizado no discurso, pois cada um lembra de uma forma e destaca os fatos que mais lhes chama à atenção, mas ainda sim a reflexão desses momentos sempre parte de fatos compartilhados no convívio com os outros indivíduos.

Dessa feita, nos importa destacar que a fundação e o desenvolvimento do CSMG é a expressão de relações sociais em todos os seus meandros. Os aspectos sociais do ser humano não podem ser separados dos outros aspectos do seu existir (HOBSBAWM, 1971). Mais do que compreender ou se ater ao grupo como ele existe, ao grupo real, procura-se perceber as relações sociais em que eles estão inseridos (HOBSBAWM, 2000). Nesse sentido, “as fontes

orais permitem acessar a historicidade de experiências pessoais e redesenhar a geografia da relação entre estas e acontecimentos históricos e públicos” (SALES, 2006, p. 139).

As diversas atividades gerenciadas pelo CSMG era o lugar onde vários sujeitos desenvolviam suas potencialidades, enfrentavam os desafios, viviam os embates cotidianos da luta, sentiam as alegrias das conquistas e os dissabores das derrotas. A vida particular era, em várias dimensões, o reflexo da vida social e vice-versa. Além disso, as práticas cotidianas do movimento social, ainda que, com certas limitações, se constituía em espaço para as novas formas de se fazer política, de participação social, de construção do processo democrático e de transformação social.

Para elucidar essa percepção destacaremos a seguir a trajetória de alguns dos interlocutores da nossa pesquisa de mestrado. As experiências de trabalho desses sujeitos são importantes para compreendermos o dia a dia na comunidade de Monte Grave após a fundação da Associação. Ressaltamos aqui as atuações de Rocicleide Pinheiro, Cícero Neto, Fernando Nogueira e Gerdileuza Pinheiro no trabalho desenvolvido no CSMG¹⁴. A medida que eles falam do trabalho que desenvolveram no CSMG mostram as áreas em que a Associação atuava.

Rocicleide Pinheiro exalta a sua participação dizendo que se envolveu em todos os projetos. “Na verdade eu me envolvi um pouco em todas (risos)”¹⁵, no correspondente a coordenação. Ela destaca o trabalho realizado na Casa do Idoso como um dos mais marcantes, “esse trabalho com o idoso foi difícil, porque o idoso se tornava muito dependente, ele achava que não tinha mais, não valia mais nada, a sugestão dele não representava nada e foi assim um trabalho inicialmente muito difícil, mas depois foi muito gratificante”¹⁶. Ao falar da sua experiência de trabalho ela relata diversos acontecimentos que foram sendo experimentadas nos encontros com os idosos. A integração social, a troca de conhecimentos fez de projetos como a Casa do Idoso um marco especial na vida dos anciãos daquela localidade.

Para além dessa sociabilidade, os projetos do CSMG propiciaram o desenvolvimento de novas técnicas nos afazeres cotidianos. Percebemos isso ao dialogarmos com Cícero Neto. Ele salienta que começou desenvolver o seu trabalho como Técnico Agrícola, “[...] dando orientações aos agricultores na parte técnica mesmo, tentando passar algumas técnicas que

¹⁴ Como esse trabalho se trata apenas de um ensaio é impossível dar conta de todos os fatores que permeiam a trajetória desses sujeitos. Por isso, destacaremos a área de atuação deles no CSMG e conseqüentemente apresentaremos as atividades desenvolvidas pela Associação.

¹⁵ Entrevista com Francisca Rocicleide Pinheiro, realizada em Milhã/CE em 04 de janeiro de 2014, Sócia fundadora, coordenadora da Creche Comunitária e da Casa do Idoso. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

¹⁶ *Idem*.

viessem a melhorar a qualidade de vida, fazendo com que as pessoas produzissem mais [...]”¹⁷. A partir desse apoio técnico, Cícero Neto orientou a implantação de “hortaliças, hortas comunitárias, hortas individuais, apicultura [...]”.

Além de atuar como Técnico Agrícola Cícero Neto, também gerenciou uma Cooperativa, que foi fundada pelo CSMG. É importante mencionar esse trabalho desenvolvido pela Cooperativa, porque os agricultores tinham um lugar certo para vender o algodão e os legumes colhidos durante a safra. Antes desses projetos, eles precisavam sair de suas localidades para vender na cidade ou vendiam para terceiros, o que implicava uma desvalorização dos produtos. Segundo o depoente a Cooperativa foi criada justamente para dar suporte aos agricultores na comercialização do algodão, isso porque,

Os produtores de algodão eram sempre vítimas de atravessadores que exploravam muito e faziam com que o produtor na verdade ganhasse muito pouco. Então a nossa intenção foi essa na questão do algodão e outras culturas, mas principalmente o algodão, [...], mas infelizmente coincidiu justamente com o período em que o algodão entrou em declínio¹⁸.

Essas e outras ações serviam de apoio ao homem do campo. Contudo, haviam outras atividades bastante presentes no dia-a-dia da região de Monte Grave. A Rádio Comunitária, por exemplo, foi uma das atividades mais expressivas do CSMG, justamente pelo enraizamento da cultura nordestina e por dinamizar os dias das donas de casa das comunidades locais. Além disso, se constituiu como um espaço de trabalho de muitos jovens como o foi o caso de Fernando Nogueira que trabalhou como sonoplasta e locutor na Rádio FM do POVO. Na sua narrativa ele fala um pouco, como era o cotidiano na Rádio,

Eu comecei como sonoplasta, que na época, nada era computadorizado era feito manualmente e logo depois eu passei e cheguei até o ponto de fazer um programa na rádio. Então assim, esse momento que a gente vivia com as pessoas, de receber cartinha de um, de um mandar um recadinho, um bilhetinho pra gente pedindo uma música, pedindo um alô, pedindo uma coisa [...] ¹⁹.

¹⁷ Entrevista com Cícero Pinheiro Neto, realizada em Milhã/CE em 12 de fevereiro de 2014, gerente da Cooperativa do CSMG. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ Entrevista com Luiz Fernando Nogueira, realizada em Milhã/CE em 06 de janeiro de 2014, ex-sócio, artesão, e radialista do CSMG Arquivo de Antônia Natália de Lima.

Além de sonoplasta Fernando Nogueira também trabalhou como artesão na escola de artesanato mineral (Escola de Lapidação). Na escola de artesanato eram oferecidos cursos de graça para os jovens locais. A escola de artesanato mineral possuía duas vertentes, uma de produção de peças para serem comercializadas e outra de formação de grupos de produção. Os primeiros grupos de produção foram formados com o auxílio de profissionais de fora, que vieram instruir um pequeno grupo no intuito de produzir peças vendáveis. Mas o comércio dessas peças não obteve muito sucesso e a escola entrou em crise e os salários dos funcionários que eram pagos com a venda da produção ficou comprometido.

Essas dificuldades financeiras atingiram diversas atividades do Centro inclusive o Hospital Comunitário. Em alguns momentos a direção do Hospital precisou optar entre comprar os materiais para o atendimento dos pacientes ou pagar os seus funcionários. Ao conversarmos com Gerdileuza Pinheiro ela falou um pouco dessa situação que afligia não só a diretoria, mas também funcionários.

As dificuldades era a espera de material, é a espera de recursos, mas a gente nunca... nunca faltou nada ao paciente porque a gente deixava o nosso salário para receber depois, aconteceu várias vezes né. Atrasava vinte dias, atrasava um mês, a gente recebia, mas preferia deixar em dias a medicação, tudo o que o hospital precisava, pra atrasar o nosso salário²⁰.

Segundo a depoente, era feita uma reunião interna com os funcionários, e a decisão era tomada por todos. Ela relata que quando o Hospital já estava quase falindo eles ficaram alguns meses consecutivos sem receber, mas continuaram o trabalho voluntariamente, porque esperavam que os recursos voltassem a chegar, mas os entraves políticos e a conjuntura política não solidificaram essa certeza.

Mas o cotidiano no Hospital não se restringia aos problemas financeiros. Como em todos os outros setores, no Hospital foi criada uma rede de sociabilidade muito intensa. Segundo a narrativa de Gerdileuza Pinheiro isso se justifica porque eles atendiam pessoas do seu convívio familiar, todos eram conhecidos e até mesmo os que vinham de fora estabeleceram laços com a comunidade. Por se tratar de uma região pequena, todos se conheciam e isso facilitava o atendimento.

Essas e outras trajetórias compunham o mosaico de vivências experimentadas em torno das atividades do CSMG. Essas experiências são carregadas de sentido tanto é que em

²⁰ Entrevista com Gerdileuza Pinheiro, realizada em Milhã/CE em 19 de setembro de 2013, ex-auxiliar de enfermagem do Hospital do CSMG. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

todas essas narrativas sentimos que esses sujeitos tinham uma preocupação nítida de preservar uma versão positiva do trabalho do CSMG. É unânime nos depoimentos, o orgulho de pertencimento ao grupo CSMG. Sabemos que há sempre uma intenção na narrativa, de uma certa maneira o indivíduo se impõe e nos fala do seu modo, como as coisas aconteceram ou até como deveria ter acontecido. Contudo, acreditamos “que entre o “falso e o verdadeiro”, entre aquilo que o relato tem de mais solidificado e de mais variável, podemos encontrar aquilo que é mais importante para a pessoa”. (POLLACK, 1989, p.10). Percebemos nas narrativas o que o CSMG significou para esses sujeitos. As suas experiências nos projetos, a dedicação no trabalho, a espera consentida pelo salário atrasado, dentre outras tensões do cotidiano foram experimentadas e expressadas de modo particular, levando em conta as teias sociais e os sentidos atribuídos ao CSMG. Diante dessas constatações concordamos com Yara Khoury (2001), quando ela diz que,

A interlocução com as pessoas nos põe em contato mais direto com os trabalhos da consciência e da memória de cada um, estimulando nossa própria consciência da dimensão política desse diálogo intelectual. Isso requer mais do que um trato meramente factual das narrativas e de coletas e sistematização das ricas informações que trazem; demanda uma atenção especial à relação imbricada entre os fatos narrados e significações construídas, que vão muito além das próprias entrevistas. Eles se forjam nas relações sociais vividas e também incidem sobre elas (p. 122).

A partir das memórias e histórias dessa comunidade, que constitui aquela espacialidade, podemos apreender as lembranças e os significados daquela região. Nesse sentido, fomos conduzidos pelas experiências a perceber como as mudanças foram experimentadas no cotidiano pelas pessoas que organizaram aquele espaço e como essas vivências interferiram na trajetória delas. “Cada depoente a sua maneira e com seu jeito de narrar, reelabora suas “tramas” individuais, numa experiência compartilhada, valiosas vivências e reflexões sobre suas histórias de vida que, às vezes se completam, às vezes se contradizem” (SALES, 2006, p. 38).

Considerações finais

Filho de seu tempo O CMSG é reflexo da atmosfera histórica, política e cultural de uma determinada conjuntura. As experiências sociais de homens e mulheres envolvidas nesse meandro de conquistas e também de desesperanças, constituem um universo de vivências

desejadas ou realmente vividas, carregadas de subjetividades múltiplas e de olhares vários, sobre uma realidade digna de reconhecimento histórico.

É preciso dizer, que o estabelecimento de todas essas atividades, que mencionamos ao longo do texto, não ocorreu sem conflitos e embates. Como todo movimento social, os dias no CSMG foram marcados pela disputa de poder, pela presença marcante da política e etc. Todos esses projetos, destacados a partir das experiências de alguns sócios, foram sendo desativados no final dos anos de 1990 e as razões do declínio são diversas. A falta de apoio do governo municipal, a desarticulação do grupo em torno de divergências políticas, dentre outros fatores contribuíram para o fim dessas atividades. Contudo, mesmo que esses sujeitos atualmente não exerçam a mesma função, já que as atividades não existem mais, ainda sim o que eles são, os valores que construíram, foram influenciados pelas experiências que viveram no CSMG. Por isso, discutir essas experiências nos permitem perceber práticas e lutas de homens e mulheres comuns, que estabeleceram seus lugares, constituíram maneiras de viver, morar e trabalhar, relacionando a realidade das lutas sociais por direito ao acesso a saúde, educação e melhores condições de vida. Como toda experiência humana, esse movimento com espacialidade definida, não se constituiu de maneira linear, a sua trajetória foi permeada de rupturas e continuidades, e foi se refazendo numa incessante construção.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** textos em história oral. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. Fontes Oraís: Histórias dentro da História. IN: PINSKY, C. B. (org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- ARRETCHE, Marta. Relações federativas nas políticas sociais. **Educação & Sociedade,** Campinas, v. 23, n.80, p. 25-48, 2002.
- BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base.** São Paulo: Abril, 1985.
- BEZERRA, Viviane Prado. **“Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo”:** O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960 – 1980). Dissertação (Mestrado em História Social Centro de Humanidades) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- BRAGA, Elza Franco; BARREIRA, Irllys Firmo. **A política da escassez:** lutas urbanas e programas sociais governamentais. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil:** O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- FREITAS, Nilson Almino. **Astúcias da memória:** imagens, narrativas de espaço e práticas cotidianas dos moradores da cidade de sobral/CE. Rio de Janeiro: Editora Torre, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias.** São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HOBBSBAWM, Eric J. **Mundos do trabalho.** Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Bedram. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. "From Social History to the History of Society". In: **Daedalus.** Winter, 1971, p.20/45.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

KARNAL, Leandro e TATSCH, Flávia Galli. **Documento e História: a memória evanescente.** IN: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina (orgs). **O Historiador e suas fontes.** 1. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. In: **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP).** São Paulo: EDUC. História e Oralidade, n.22, jun. 2001.

KOFES, Suely. **Experiências Sociais, Interpretações Individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites.** **Cadernos Pagu.** Vol.3, 1994, pp.117-141.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985).** São Paulo: Brasiliense, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)** São Paulo, SP – Brasil, 1981.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na História. **Literatura e Autoritarismo: o esquecimento da violência.** UFSM. Santa Maria - RS. Revista nº 4, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2º ed. – Belo Horizonte: autêntica, 2008.

_____. **Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo.** In Stella Bresciani; Marcia Naxara (orgs.), **Memória (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** 2ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos,** Rio de Janeiro, vol. 2, nº3,1989, pp. 3-15.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro. Vol. 5. N. 10, 1992. p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. A história oral e poder. IN: **Mnemosine.** Vol.6, nº 2, p. 2-13, 2010.

_____. Depoimentos. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)** São Paulo, SP – Brasil, abr. 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)** São Paulo, SP – Brasil, abr. 1997:1.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80.** - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SALES, Telma Bessa. **Memórias e Experiências de canudenses na cidade de São Paulo - 1950-2000.** 2006. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.

SANTANA, Marco Aurélio. **Trabalhadores em movimento:** o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990. In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado (org.). **O tempo da ditadura:** Regime Militar e Movimentos Sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro (IV Brasileira, 2003) O Brasil Republicano v. 04.

SILVA, Vera Lúcia; AGUIAR, Ana Selma Silva. **“Um oásis dos menos favorecidos da sorte”:** a experiência do Serviço de Promoção Humana (SPH), Camocim/Ce. FERREIRA, Benedito Genésio, SALES, Telma Bessa, Organizadores. – Sobral, CE: EGUS, 2014.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de Souza. As várias faces da Igreja Católica. In: **Estudos Avançados**, Nº 52, Dossiê Religiões no Brasil, USP, 2004.

Recebido em: 12 de dezembro de 2014

Aprovado em: 05 de maio de 2015